

Falando sobre Ônix

Ele chegou no meio ornitológico cheio de novidades, comentários e especulações. As primeiras notícias que a meus ouvidos chegaram diziam que o canário preto tinha finalmente sido fixado na Espanha. Pouco tempo depois, dizia-se que tal fato ocorria devido a que esta nova mutação conseguia transformar a feo-melanina marrom em feo-melanina negra. Viajando pela Europa com o meu amigo José Luiz Amzalak, pudemos ver os primeiros exemplares e uma coisa me chamou a atenção. Parecia lógico que se o efeito da mutação era sobre a feo-melanina, os canários ideais para acasalamentos, deveriam ser aqueles com maior carga feo-melânica. No entanto, o que constatamos (inclusive nos criadouros altamente técnicos) foi que eram utilizados exemplares “limpos” de feo-melanina. Pudemos também observar algumas fotos desses exemplares em revistas européias e a constatação visual era de que não se tratava de “canários negros”, mas de uma manifestação melânica verdadeiramente diferente, muito interessante, mas que não conferia aos exemplares uma tonalidade mais escura do que a dos canários ancestrais.

Voltamos à Europa no ano passado e pudemos então apreciar uma grande quantidade destes exemplares em vários criadouros. Já bem fixada em canários com e sem fator, notamos a princípio que ela goza de maior beleza nos negro-marrons, embora ainda sejam muito poucos os exemplares canela e ágata, sendo que nestas cores não tenho visto o suficiente para emitir uma opinião responsável.

O criador que definitivamente mais experiência tem com esta cor é o Sr. Beraldi que me comentou em várias ocasiões que esta mutação era alelo do fator opalino, pois cruzando um ônix com um opalino sem o menor antecedente genético ligado ao ônix, já dava filhotes ônix na primeira geração. Este fato é no mínimo curioso e chamou poderosamente a minha atenção, até que finalmente pude constatar esta realidade, por ocasião do julgamento da SPCO/99, ocasião em que o amigo Fernando Teixeira mostrou dois exemplares. Um deles era um canário tipicamente ônix, de características muito similares aqueles que tinha visto na Europa. O outro era filho de ônix com verde opalino, de origem brasileira e sem o menor antecedente genético de ônix. Olhando estes exemplares tive a impressão de ser a mutação ônix, um fator que na realidade inibe o efeito inversor e redutor do fator opalino. Colocamos na mesa 4 exemplares: um verde opalino, um “ônix opalino”, um ônix, e um verde clássico. Ficou evidente a gradação que estas variantes

apresentavam na sua ordem e fico com a sensação de que se cruzarmos novamente um exemplar ônix opalino com um outro opalino, o resultado novamente serão filhos de manifestação melânica intermediária entre os pais. Também ficou evidente que os canários ônix apresentam feo-melanina, o que derruba a teoria inicial de que eles “transformariam” a tonalidade da feo-melanina marrom em negra.

Enfatizando que este artigo não tem como objetivo a apresentação de um trabalho científico, mas apenas o interesse de contribuir com o melhor entendimento desta bela cor e suas possíveis manifestações, tenho a sensação de que a mutação ônix poderia ser uma mutação que inibe a plena manifestação dos efeitos inversores e redutores do fator opalino, conferindo aos pássaros um visual intermediário entre o opalino e o clássico.

Ano passado, no Campeonato Brasileiro de Jaguriúna vimos na mesa de verde opalino mosaico fêmea uma canária ônix, muito interessante do ponto de vista didático, mas que por fugir dos padrões do verde opalino foi desclassificada. De toda forma, acreditamos que no futuro, cruzando estas mutações entre si, possam aparecer canários verde opalinos de maior oxidação que possam vir a deixar dúvidas sobre a possível presença do fator ônix como elemento de “oxidação” dos opalinos negro marrons.